

# BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA TEORIA DA TRADUÇÃO NO OCIDENTE

## III. Final da Idade Média e o Renascimento<sup>1</sup>

Mauri Furlan

Universidade Federal de Santa Catarina

maurif@brturbo.com.br

### **Resumo**

Este artigo aborda aspectos da concepção de tradução no final da Idade Média e no Renascimento. É pois no Renascimento que a tradução chega à sua maioridade, assentando as bases da tradutologia moderna, seja pela qualidade das reflexões produzidas, seja pela valorização e respeito ao texto original e sua correspondente reprodução na língua tradutora.

**Palavras-chave:** teoria da tradução, história da tradução, Idade Média, Renascimento.

### **Abstract**

This article discusses aspects of the conception of translation at the end of the Middle Ages and Renaissance. It is on the Renaissance that translation achieves its maturity, setting the bases for the modern translation theory, either because of the quality of the reflections produced, or because of the appreciation and respect for the original text and its corresponding reproduction in the target language.

**Keywords:** translation theory, history of translation, the Middle Ages, Renaissance.

A intensa mudança na concepção e práticas da tradução fomentadas pelo Humanismo e o Renascimento não aconteceram *ex abrupto*, mas pertencem a um processo iniciado claramente no auge da Idade Média e que podem ser mais facilmente detectadas quan-

do contextualizadas num espaço cultural delimitado, como, por exemplo, a Itália.

Segundo o investigador alemão sobre a tradução na Itália renascentista, Bodo Guthmüller, nos primeiros *volgarizzamenti* medievais (séc. XIII), assim como na primeira literatura em prosa italiana em geral, predominava fortemente a finalidade divulgativo-didática, o interesse no conteúdo e na utilidade – T.R. Steiner amplia a toda a Idade Média e ao primeiro Renascimento europeu a característica de uma tradução didática na qual predominava a *moralisatio* sobre quaisquer outras considerações (1975: 7) – frente à estilístico-literária. Os primeiros *volgarizzatori* tratavam o original de uma forma muito livre, sem se preocupar com suas características estilísticas ou arquitetônicas. O desejo de escrever clara e modestamente significava para muitos o abandono dos adornos lingüísticos e literários presentes no original, assim como sua adaptação ao gosto dominante e o ‘aperfeiçoamento’ de seu conteúdo:

Nach allgemein verbreiteter Auffassung ist jeder Text, der belehren soll, vervollkommnungsfähig; da man ihn nun doch einmal abschreibt oder übersetzt, sieht man keinerlei Grund, ihn nicht dem herrschenden Geschmack nach umzugestalten oder ihn zu verbessern, indem man ihn mit Hilfe von Informationen aus anderen Quellen vervollständigt (Guthmüller 1998: 12)<sup>2</sup>.

No *Duecento* italiano, a tradução ao vernáculo se desenvolvia na prática do *volgarizzamento* de textos latinos, franceses e provençais. A França se encontrava então em plena fase de expansão e de domínio, e sua literatura chegava à Itália via o Vêneto. No entanto, a cultura literária que a França exportava à Itália não era aristocrática, mas popular (principalmente novelas e bestiários). A história do *volgarizzamento* de textos latinos revela em seu princípio a existência de uma tradição sistemática de *volgarizzare*, no

ambiente jurídico, textos relativos à retórica e à *ars dictandi*: uma obra que marca o início deste tipo de *volgarizzamento* e fomenta o estudo dos clássicos na corrente jurídico-retórica é *Fiore di retorica* (ca. 1260) de Guidotto da Bologna, tradução da *Rhetorica ad Herennium*. Ao lado de Guidotto da Bologna, figura entre os principais nomes do *volgarizzamento* do *Duecento* e *Trecento* o de Brunetto Latini, *volgarizzatore* dos discursos de Cícero, que é reconhecido como representante de um novo modo de ver os clássicos e de uma nova concepção de tradução (Segre 1969: 17). Dos primeiros *volgarizzamenti* dos clássicos latinos, pode-se dizer que foram motivados pela necessidade prática de possuir exemplos de eloquência enquanto ciência, seja do ‘bem falar’ como do ‘bem ditar’, e de proporcionar textos para aqueles que não sabiam latim para ler no original (Folena 1991: 43). Historicamente os primeiros *volgarizzamenti* literários italianos do latim foram: a *Storie de Troia e Roma*, o *Miracole de Roma*, o *Panfilo*, os *Disticha Catonis...* (Segre 1969: 12).

O trabalho dos vulgarizadores italianos no século XIII reflete o surgimento de um novo público literário que desejava conhecer as obras latinas (ou francesas) e que não dominava bastante a língua de partida para poder lê-las no original: no caso do latim, o que se aprendia então geralmente bastava para as necessidades da vida social e laboral, mas não para a leitura de textos clássicos literários. Este público se constituía primeiramente pelos dirigentes da comunidade, os patrões, comerciantes, artesãos e suas mulheres; e os vulgarizadores provinham em sua maioria do mesmo meio social que seus clientes, tendo freqüentado universidades e escolas de direito. Este estrato social foi a grande força motriz na formação da literatura vernácula (Guthmüller 1998: 10).

Ainda na primeira metade do *Trecento* se acentua o contato entre a prosa vulgar e os estudos clássicos, como demonstra a prática de Boccaccio. “Lo studio della classicità ingenera nei volgarizzatori uno scrupolo che in precedenza non li aveva sfiorati” (Segre 1969: 18). Segundo o investigador italiano, podem-se detectar as primeiras afirmações e mostras do gosto pela Antigüidade em *volgarizzatori*

como Bono Giamboni e Brunetto. Giamboni, nos *volgarizzamenti* de obras literárias, analisa Segre, mantém o estilo do original, o que pode ser percebido nas estruturas sintáticas e no léxico da tradução. Seu trabalho fica a meio caminho entre uma tendência latinizante e uma popular. Já Brunetto é talvez um pouco mais respeitoso com o vernáculo e extrai menos elementos do latim que Giamboni, sendo no entanto muito mais fiel e constante. Para Segre, é já um tradutor-artista Bartolomeo da San Concordio, quem, já na própria escolha do texto a *volgarizzare* revela distantes os incentivos de caráter prático, porque, ao optar por traduzir Salústio, prefere antes um grande escritor que um historiador. Em seu autor, Bartolomeo da San Concordio busca a arte, e consegue reproduzi-la numa prosa elegante. O intento divulgativo ainda está presente (como pode ser percebido nas numerosas explicações precedidas de um *cioè* e certa prolixidade que diluem a *breuitas* salustiana), mas é já uma divulgação de coisas belas, não de coisas úteis (Segre 1969: 32-33). Pode-se observar na passagem do tempo o avanço no fortalecimento da latinidade: nos primeiros *volgarizzamenti*,

*res publica* è tradotta con *comune* (Brunetto) e più avanti con *republica* (Bartolomeo da S. Concordio); *legatus* con *ambasciadore*, o con l'endiadi esplicativa *legato ed ambasciadore* (Brunetto), e poi solo con *legato* (terza *Deca*) (Segre 1969: 23).

No entanto, não se deve olhar para os primeiros *volgarizzatori* como ingênuos ou pobres culturalmente por causa de suas traduções cheias de assimilações contemporâneas e atualizações anacrônicas. O anacronismo produzido nelas é consequência de uma concepção que tende a buscar uma sincronicidade da relação entre o latim e o vernáculo, entre antigos e modernos, inscritos no presente.

Il rapporto fra le due lingue si viene a configurare como quello di due realtà parallele e idealmente contemporanee, con tutta

una serie di omologie e di fitte corrispondenze, sicché nel Duecento le parole antiche hanno dei referenti attuali, i *uerba* latini sono *res* presenti, con corrispondenze volgari immediate, senza che il bilinguismo discriminatorio venga ancora turbato gravemente dalla invasione di elementi dotti latini, prestiti e calchi, che si farà sempre più forte nelle traduzioni trecentesche (Folena 1991: 44).

Na medida em que avança o *Trecento* – seguindo o pensamento de Segre –, o estudo da Antigüidade clássica se torna mais sistemático. Os escritores e os *volgarizzatori* desejam apoderar-se do segredo da construção da prosa latina. Nas palavras de Folena: as traduções começam a apresentar uma renovação no modo de leitura e de assimilação dos clássicos (1991: 47). Algumas delas tentam uma adequação à sintaxe latina, mas a maturidade só chega com Boccaccio. Em sua tradução das *Deche* de Tito Lívio, Boccaccio aplicou ao vernáculo características latinas: os elementos latinizantes (acusativos com infinitivo, calcos de gerúndios, participios presentes adjetivais), tão abundantes como em poucas traduções, não constituem mais um forçamento no vernáculo, mas vêm inseridos num sistema estilístico, com efeitos artísticos e criações rítmicas; em definitiva, integram-se no que constitui uma obra de arte (Segre 1969: 36-37).

A atividade literária italiana do *Duecento* e *Trecento* e o *volgarizzamento* apresentam uma complementariedade importante. É certo que a tradução participa do desenvolvimento da prosa, mas, insiste Segre, antes que atribuir ao *volgarizzamento* uma eficácia determinante e unívoca com respeito à formação da literatura deve-se vê-lo em paralelo com as outras expressões do pensamento literário. Mais sensato do que crer que houve uma ação equivalente do latim sobre o vernáculo dos tradutores, e dos tradutores ao vernáculo da prosa literária em formação, deve-se antes considerar o latim como acelerador e regulador da atividade criadora e inovadora do vernáculo em sua febre de expressar sua mais afinada sensibilidade estética (1969: 19). Não houve “un vero

influsso delle traduzione su di essa [a prosa literária em formação], bensì un'azione comune, un intersecarsi di tentativi" (Segre 1969: 24).

A obra dos *volgarizzatori*, comenta Segre, localiza-se na convergência de um intento divulgativo, preocupado com a compreensão do leitor, e uma aspiração à arte, que é a arte do autor traduzido, buscada nas singularidades de sua praxis estilística, que é, também, a arte do tradutor (1969: 24). Mesmo nos *volgarizzamenti* de prosa e poesia artísticos está presente um interesse didático, mas pouco a pouco a estética literária aflora e vai se sustentando sozinha. A noção de integridade da obra traduzida vai se formando paulatinamente. A partir do *Trecento* e sobretudo com os *volgarizzamenti* dos clássicos, aumenta o respeito ante o original e o esforço pela manutenção de sua integridade estilística, além da aspiração a uma elevação do vernáculo. Este cuidado do texto antigo na tradução literária constitui uma novidade na história da cultura europeia, e a Itália precede nisto aos outros países. Este novo modo de tradução dos clássicos na Itália, seu desejo de reprodução do original o mais fiel possível, pode ser também entendido, segundo Guthmüller, como reação contra a influência da cultura francesa que predominou até os inícios do *Trecento*. Por causa de sua grande importância cultural e política, o país galo deteve por muito tempo uma hegemonia entre as línguas vulgares, e na Itália foi grande o número de traduções do francês (1998: 12-16).

A tradição dos *volgarizzamenti* continua sendo abundante no *Quattrocento*, embora a produção seja em grande parte repetitiva. Observa-se também uma degradação do tipo de literatura traduzida a níveis de cultura mais baixos. No entanto, a época humanista, desde seus princípios, inova também neste campo, e os humanistas, embora traduzam principalmente do grego ao latim, não desdenham o *volgarizzare*. Leonardo Bruni, por exemplo, um dos grandes expoentes do Humanismo, também tradutor do grego e 'teórico' da tradução, traduz para o italiano um discurso de Cícero, *Pro Marcello*, e conclui a tradução das *Deche* livianas, iniciada por

Boccaccio. Seu tratado sobre a tradução, embora se refira à tradução do grego ao latim, vale “pienamente anche nei riguardi del volgare, in base alla sua visione della piena parità grammaticale e retorico-culturale delle lingue classiche e dei volgari” (Folena 1991: 50-51; 60).

No século XV, os tradutores europeus em geral se encontram em “los umbrales del Renacimiento”, para usar a expressão de Morreale (1959: 4): dentre as mudanças que se perceberão sensivelmente no século XVI está a da afirmação de sua personalidade, uma saída paulatina do anonimato, algo que se reflete na recomendação de Bruni de que *in traductionibus interpretes quidem optimus sese in primum scribendi auctorem tota mente et animo et voluntate convertet et quodammodo transformabit...* [Bruni 1928: 86], “nas traduções, ao menos o bom tradutor se converterá e de algum modo se transformará no autor original do escrito com toda sua mente, sua alma e sua vontade...”. Esta fase de transição gradual do medieval ao renacentista pode ser exemplificada com dois nomes de espanhóis.

Sem entrar aqui na polêmica questão de se houve ou não Renascimento na Espanha no século XV, assumimos a posição de muitos pesquisadores: embora em menor grau que na Itália, a Espanha de então já não era totalmente medieval. Daí a tendência em se falar, pois, de um pré-renascimento ou pré-humanismo espanhol. No que diz respeito à tradução espanhola naquele século, ela se caracteriza por uma intensa atividade e um estilo “fuertemente latinizante” (Morrás 1995: 35); e entre os ‘tradutólogos’ emergentes se destacam duas figuras proeminentes, Alonso de Madrigal, o Tostado (ca. 1400-1455) e Alonso de Cartagena (1384-1456), que foram contemporâneos de Leonardo Bruni Aretino, tendo estado o primeiro na Itália e o segundo, mantido correspondência com o Aretino.

Apesar de ser tomado por um autor medieval, o Tostado apresenta em sua obra traços humanísticos (Pérez González 1999: 49), inclusive em sua concepção de tradução. Sua defesa de uma tradu-

ção palavra por palavra, poderia situá-lo, avalia Pérez González, no literalismo da Baixa Idade Média, mas em sua definição precisa e delimitada se entrevê algo de modernidade. O Tostado insiste em que o tradutor deve conhecer a matéria sobre a qual traduz, a cultura que está por detrás do texto original, toda a produção do autor que se traduz, e as duas línguas envolvidas na tradução. Advoga por uma exata correspondência de palavras e a mesma ordem que no original, mas também que não se deve respeitar esta ordem quando sua aplicação resulte malsoante na língua de chegada. A tradução deve refletir a beleza do texto original, com a preservação das figuras retóricas (1999: 50). O Tostado se assemelha aos humanistas também em sua defesa da superioridade do latim e do grego. A ele “se debe la disquisición teórica más importante en la Península en el siglo XV en el *Comento sobre el Eusebio*” (Morrás 1995: 37n). Contudo, em seu tempo, “su influencia ha sido nula” (Santoyo 1999: 74).

Alonso de Cartagena, por sua vez, pode ser considerado “el introductor e impulsor de los estudios humanísticos en España” (Pérez González 1999: 51), apesar de suas várias características medievais. Nos prólogos a suas traduções mostra possuir uma concepção instrumental, didática da tradução, e uma preocupação pela transmissão precisa e clara do conteúdo do texto original, advogando por uma tradução *ad sensum*. Embora rechaçando o literalismo, recomenda o emprego de latinismos, tecnicismos, empréstimos e neologismos nas traduções, mas relegando a um segundo plano o uso da retórica, que pode impedir a fidelidade ao conteúdo (Morrás 1995). Nisto, difere dos humanistas, que insistiam nos valores retóricos e estilísticos de uma tradução, e é famosa sua querela com Leonardo Bruni.

## O Renascimento

Edmond Cary, em *Les grands traducteurs français* (1963), descreve assim a situação da tradução no Renascimento:

Au siècle de Dolet, la bataille de la traduction faisait rage. La Réforme n'avait-elle pas été avant tout une querelle de traducteurs? La traduction était devenue une affaire d'Etat et une affaire de religion. [...] Les langues vulgaires sont alors en train de prendre corps et de se mesurer avec les langues antiques; des pensées nouvelles surgissent, et les penseurs se cherchent des cautions dans l'antiquité. Tous les sujets deviennent brûlants. Le simple fait de traduire constitue déjà un péril. La première Bible traduite par référence au grec avait été brûlée: le grec était une langue impie et le retour aux sources ne pouvait être que suspect. [...] L'humanisme de la Renaissance brisa ce carcan. Et, du coup, on vit s'épanouir une théorie de la traduction. En ce XVIe. siècle, tous parlent à l'envi de l'art de traduire (1963: 7-8).

A tradução é um feito que penetra e atua em todos os níveis da vida humana, mas a tradução literária (artística) é reconhecida em geral primeiramente no âmbito cultural, *stricto sensu*. E assim, no Renascimento, por meio de uma crescente onda de traduções e realizações específicas de algumas personalidades, começa-se a propor novas correntes estéticas e a promover o abandono ou livre exame da visão teocêntrica, pelo que se pode afirmar que o comportamento cultural de alguns países europeus do Ocidente como a Itália, a Alemanha, a França, a Espanha e a Inglaterra foi fortemente condicionado pela tradução naquele período (Vega 1997: 72). É, pois, nestes países, nos quais o Renascimento impacta mais fortemente e a demanda de traduções não pára de crescer, onde vão surgir as mais importantes reflexões sobre a arte de traduzir, fruto de um amadurecimento de sua concepção e prática.

Retomando a contraposição apresentada por Folena entre a práxis da tradução no Medievo e aquela no Renascimento, que assinalava a ausência de uma noção unitária da tradução na Idade Média (1991: 14), e a possibilidade de reconstrução de uma idéia central sobre a tradução no Renascimento (1991: 58), Emilio Mattioli defende que neste período houve uma teorização significativamente

madura do problema, cujo texto exemplar é *De interpretatione recta* (1420), de Leonardo Bruni. E que este amadurecimento de uma nova concepção do traduzir havia sido favorecido principalmente pelo retorno aos clássicos gregos: a tradução de um texto grego, muito mais que a de um latino, ajudaria a perceber a distância em relação ao texto que se traduzia, e poria em maior destaque questões filológicas (1982: 43). Folena entende que a tradução do grego é, junto ao descobrimento dos clássicos latinos e à nova circulação daqueles gregos, um dos componentes essenciais do Humanismo (1991: 54). Na mesma linha de Mattioli e Folena, mas sublinhando aspectos distintos, Glen Norton crê que os novos esforços especulativos dos teóricos humanistas da tradução têm sua origem no redescobrimto dos princípios pedagógicos dos programas escolares da Antigüidade, que foram assimilados pelas escolas romanas e deram ênfase à prática retórica, sendo aplicados aos exercícios de tradução interlingual: primeiramente com paráfrases literais do texto na linguagem cotidiana, seguidos de um correspondente retórico, livre, baseado mais no estilo oratório que no falado. Estas modalidades de tradução retórica foram aperfeiçoadas no contato com a filologia (1981: 178). Assim o fez Bruni, cujo tratado é considerado como parte das ‘fundações humanistas da teoria da tradução’. O importante tratado de Bruni é testemunho da consideração dispensada ao texto fonte, desde o vocabulário ao estudo de sua contextualização histórica, até sua reprodução na língua de chegada com semelhantes nível artístico e valores retóricos, além do reconhecimento do tradutor como ‘re-textualizador’:

With such humanists as Salutati and Bruni, greater attention is given to the translator as a reader and interpreter, a quasi-author who sees the source author’s ‘intention’ as resident not so much in specific alignments of words, but in the power of the text to affect the reader through its rhetoric (Norton 1988: 6).

Para Glen Norton (1981; 1984), a filologia é a grande responsável pelo desenvolvimento da teoria da tradução no Renascimento.

Na base deste desenvolvimento se destacariam os pensamentos de Manuel Crisoloras (1350-1415), Coluccio Salutati (1331-1406) e Leonardo Bruni (1370-1444). Esta linha de pensamento é compatível também com as análises apresentadas por Alfonso de Petris (1975; 1981) em estudos sobre o *Apologeticus* (1456) de G. Manetti (1396-1459), onde alude à importância da filologia na época e sua relação com a tradução produzida pelos humanistas: “La filologia comincia dalla grammatica. [...] Le questioni grammaticali e linguistiche preparano all’intelligenza degli originali”. Os humanistas, expõe Petris, embora não sejam verdadeiros filólogos, buscam na palavra uma significação nova, e

nelle loro traduzioni gli umanisti in genere denotano una libertà interpretativa che, una volta non tradito il concetto, abbellisca, variamente mutando, togliendo, ed aggiungendo. [...] Tradurre per essi è una questione di stile: aderire sí al modello, ma soprattutto rendere intelligibile e piacevole quello che si traduce (1975: 16-17).

Recorda P. Kristeller que o método filológico que permitiu aos humanistas ler, compreender e traduzir os textos antigos foi aprendido dos mestres bizantinos (1993: 197). Conscientes da mudança que estavam produzindo na concepção e prática da tradução, os humanistas já então atribuem a Crisoloras um importante papel histórico, o da criação de uma escola, e Guarino Guarini Veronese o considera como o pai dos novos estudos (Petris 1975: 19).

Manuel Crisoloras, segundo Norton, evitou os extremos em sua concepção da tradução: a tradução palavra por palavra poderia levar à perversão do pensamento do original, mas, por outro lado, a transmissão do pensamento não deveria subverter a *proprietas* da língua do original; tampouco o tradutor deveria abandonar seu papel principal por aquele do exegeta menos comprometido com a integridade retórica do original. A tradução retórica, segundo Crisoloras, se produz no equilíbrio de duas alternativas: fidelidade

léxica e transposição do significado. Estas alternativas não devem ser entendidas como mutuamente exclusivas, mas antes como matices de um movimento hermenêutico único. Somente pode haver tradução se primeiramente houver compreensão do sistema gramatical: a análise gramatical bilingüe, através da palavra isolada como unidade de pensamento, permite entrar nas estruturas básicas da língua fonte. Daí emerge a eloqüência, situada entre a morfologia e o significado, a função e a tradução (Norton 1981: 179-180). “Il ‘transferre ad sententiam’ implica fedeltà al pensiero ed alle parole del modello, ma nel rispetto dei cambiamenti richiesti dalle due lingue” (Petris 1975: 19).

Coluccio Salutati (1331-1406) não produziu nenhum escrito específico sobre a teoria de a tradução, no entanto, por uma carta (XXIII) – um “trattatello in sè completo” (Petris 1975: 18) – dirigida a um amigo, Antonio Loschi, relativa à tradução que este fazia de Homero, é hoje em dia considerado como o primeiro em propor “uma fórmula criativa para a tradução” renascentista (Norton 1984: 37). Salutati recomenda a Loschi considerar as coisas, não as palavras (*res uelim, non uerba consideres*). Isto significaria ao final que, de acordo com Norton – há opiniões divergentes, como por exemplo a de Rener (1989) e a de Seigel (1968) –, Salutati prega a produção de um texto agradável na tradução, ou seja, não uma simples transplantação de correspondências verbais diretas, mas a semeadura de um campo totalmente novo, uma rede de omissões e acréscimos que podem, se necessário, alcançar o coração do material ‘inventado’ (Norton 1984: 37) – no sentido da *inuentio* clássica –, e recomenda que “il traduttore adorni i concetti e renda più splendida la forma e più gradevole la lettura” (Petris 1975: 18).

Apesar da distinta abordagem de Norton sobre a questão da teoria da tradução renascentista daquela como a tratamos, ou seja, apesar de abordá-la fora do marco da retórica ‘elocutiva’ como teoria da linguagem vigente no período, também suas análises apresentadas sobre a prática e concepção tradutórias entre os primeiros humanistas ‘fundadores da teoria da tradução renascentista’

revelam uma busca pela tradução que preserve os valores do original e ao mesmo tempo ofereça um texto retórico na língua de chegada. Esta é essencialmente a linha básica das principais reflexões sobre a tarefa do tradutor.

Podemos dar por assentado que o amadurecimento de uma nova concepção sobre o traduzir foi favorecida pelo retorno aos clássicos gregos e pela tradução dos mesmos, pelo redescobrimto de princípios pedagógicos antigos e pelo conhecimento do método filológico bizantino, mas sem esquecer outros elementos importantes que coparticiparam em todo este processo. Um fator-chave que favoreceu a divulgação dos clássicos e fomentou a grande demanda de traduções de todo tipo, participando assim no amadurecimento da concepção do traduzir, foi a prensa, ao mesmo tempo em que também dava-se o nascimento das línguas nacionais como tais, e seu reconhecimento enquanto meios *nobili* de comunicação de pensamento em todos os campos modificava a própria natureza do ato do traduzir (Mounin 1965: 39). As novas línguas, que já se chamavam *vulgares*, porque faladas primeiramente pelo vulgo, passam a ser consideradas 'línguas' próprias no século XVI.

Uma das características da história da tradução renascentista, reiteramos, é pois o desenvolvimento de reflexões teóricas sobre a prática tradutora, que se apresentam geralmente sob a forma de pequenos textos, cartas, introduções, tratados etc. Uma sistematização possível daqueles textos, ao menos dos considerados mais importantes nos países onde a atividade da tradução e sua reflexão se destacaram, pode oferecer uma síntese do panorama do pensamento nos séculos XV e XVI sobre a problemática da teoria da tradução; uma 'antologia' de textos renascentistas sobre a tradução poderia, assim, conter:

Itália – Leonardo Bruni Aretino, *De interpretatione recta*, 1420/25; Gianozzo Manetti, *Apologeticus*, 1456/59; Sperone Speronis, *Dialogo delle lingue*, 1542; Lodovico Castelvetro, *Lettera del traslatore*, 1543; Sebastiano Fausto da Longiano, *Dialogo del modo de lo tradurre d'una in altra lingua secondo le regole mostrate da*

*Cicerone*, 1556; M. Alessandro Piccolomini, cartas aos leitores de suas traduções da *Poética* e da *Retórica* de Aristóteles, 1572; Alemanha – Martin Lutero, *Ein Sendbrief vom Dolmetschen*, 1530, e *Über die Psalmen und Ursachen des Dolmetschens*, 1531; Espanha – Alonso de Cartagena, prólogos a suas traduções, sobretudo o da *Retórica* de Cícero, ca. 1425; Alonso de Madrigal, o Tostado, *Commentários sobre Eusebio*, 1506; Juan Luis Vives, *Versiones seu interpretationes*, 1532; Juan de Valdés, *Diálogo de la lingua*, 1533; França – Étienne Dolet, *La manière de bien traduire d'une langue en aultre*, 1540; Thomas Sebillot, *Art poétique françois*, 1548; Joachim Du Bellae, três capítulos da *Deffence et illustration de la langue françoise*, 1549; Jacques Peletier Du Mans, *Des traductions*, em *Art poétique*, 1555; Grã-Bretanha – Lawrence Humphrey, *Interpretatio linguarum seu de ratione convertendi et explicandi autores tam sacros quam prophanos*, 1559; Georges Chapman, textos introdutórios a sua tradução da *Ilíada*, 1598.

Nestes textos, pode-se perceber que a tradução, por um lado, prossegue em seu velho trabalho de transmissão do conteúdo do original, mas, por outro, começa seu moderno querer competir com o original, cuidando sobremaneira da estética do texto traduzido na língua de chegada, da aplicação da retórica na escritura, da produção de obra de arte. O reconhecimento de que as teorias da tradução contemporâneas se fundamentam no Renascimento reclama um constante retorno àqueles textos fundacionais.

## Notas

1. O presente artigo constitui a terceira parte de um estudo sobre a história da teoria da tradução no Ocidente desde a época clássica romana até o Renascimento. Fazem parte desta brevíssima história da teoria da tradução os artigos publicados por esta

---

revista: I. Os Romanos, em *Cadernos da Tradução*, nº VIII, e II. A Idade Média, em *Cadernos da Tradução*, nº XII.

2. “Segundo uma concepção difundida de modo geral, todo texto instrutivo pode ser aperfeiçoado; já que se transcreve ou traduz, não se vê nenhuma razão para não adaptá-lo ou melhorá-lo segundo o gosto dominante, ao mesmo tempo em que se o complementa com ajuda de informações de outras fontes.”

## **Bibliografia**

BRUNI ARETINO, Leonardo, 1928, “De interpretatione recta”, en Hans Baron (ed.), *Humanistisch-philosophische Schriften*, Leipzig, Teubner, pp. 81-96.

CARY, Edmond, 1963, *Les grands traducteurs français*, Genebra, Librairie de l’Université/Georg et Cie.

FOLENA, Gianfranco, 1991, *Volgarizzare e Tradurre*, Torino, Unione Tipografico-Ed. Torinese.

GUTHMÜLLER, Bodo, 1998, “Die Übersetzung in der italienischen Renaissance”, en Bodo Guthmüller (ed.), *Latein und Nationalsprachen in der Renaissance*, Wiesbaden, Harrassowitz, pp. 9-30.

KRISTELLER, Paul Oskar, 1993, *El pensamiento renacentista y sus fuentes*, Madrid, Fondo de Cultura Económica. Trad. de Federico Patán López.

MATTIOLI, Emilio, 1982, “Storia della traduzione e poetiche del tradurre (dall’umanesimo al romanticismo)”, en *Processi traduttivi: teorie ed applicazioni. Atti del seminario su “la traduzione”*, Brescia, La Scuola, pp. 39-58.

MORRÁS, María, 1995, "Latinismos y literalidad en el origen del clasicismo vernáculo: las ideas de Alfonso de Cartagena (ca.1384-1456)", en *La traducción en España – ss. XIV-XV*, León, Universidad, pp. 35-58.

MORREALE, Margherita, 1959, "Apuntes para la historia de la traducción en la Edad Media", en *Revista de literatura*, XV, pp. 3-10.

MOUNIN, Georges, 1965, *Teoria e storia della traduzione*. Torino, Einaudi. Traduzione di Stefania Morganti.

NORTON, Glyn P., 1981, "Humanist foundations of translation theory (1400-1450): a study in the dynamics of word", en *Canadian review of comparative literature – special issue: Translation in the Renaissance*, VIII, 2, pp. 173-203.

\_\_\_\_\_. 1984, *The ideology and language of translation in Renaissance France and their humanist antecedents*, Ginebra, Droz.

\_\_\_\_\_. 1988, "Literary translation in the continuum of Renaissance thought: a conceptual overview", en Harald Kittel (ed.), *Die literarische Übersetzung – Stand und Perspektiven ihrer Erforschung*, Berlín, Erich Schmidt Verlag, pp. 1-15.

PÉREZ GONZÁLEZ, Maurilio, 1999, *G. Manetti y la Traducción en el Siglo XV – edición crítica del Apologeticus, libro V*, León, Universidad.

PETRIS, Alfonso de, 1975, "Le teorie umanistiche del tradurre e l' *Apologeticus* di Gianozzo Manetti", en *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance. Travaux et documents*, XXXVII, Ginebra, Droz, pp. 15-32.

\_\_\_\_\_. 1981, "L' *Apologeticus* del Manetti e le teorie umanistiche del tradurre", en MANETTI, Gianozzo, *Apologeticus*, Roma, Ed. Storia e Letteratura, pp. V-LXV.

RENER, Frederick M., 1989, *Interpretatio – language and translation from Cicero to Tytler*, Amsterdam/Atlanta, Rodopi.

SANTOYO, Julio César, 1999, *Historia de la traducción – quince apuntes*, León, Universidad.

SEGRE, Cesare, 1969, *Volgarizzamenti del Due e Trecento*, Turín, Unione Tipografico-Editrice Torinese.

SEIGEL, Jerrold E., 1968, *Rhetoric and philosophy in Renaissance humanism. The union of eloquence and wisdom, Petrarch to Valla*, Princeton, Nueva Jersey, University.

STEINER, T. R., 1975, *English translator theory, 1650-1800*, Amsterdam, Van Gorkum, Assen.

VEGA, Miguel Ángel, 1997, "Apuntes socioculturales de historia de la traducción: del Renacimiento a nuestros días", en *Hieronymus complutensis*, 4-5, pp. 71-85.